

RAMOS, Danilo Paiva. **Círculos de Coca e Fumaça**. São Paulo: Hedra, 2018. 543p.

Gabriel Novais Cardoso¹

¹Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil

O tema da constante *mobilidade* é fundante no entendimento etnológico dos povos de família linguística Maku. É sobre essa temática que serão elaborados os primeiros registros etnográficos e antropológicos desses povos. E é de acordo com os distintos momentos políticos e teóricos da antropologia que essa temática será condicionada, possibilitando as imagens que se estabeleceram na etnologia desses povos indígenas, habitantes do Noroeste Amazônico. Uma recorrente dicotomia surge no entendimento comparativo desses povos, marcados pelo signo da *mobilidade*, e a partir da *mediação Tukano*, segundo o autor.

Essa dicotomia traz uma visão dos povos Tukano como *índios do rio*, marcados por agricultura sofisticada e fixidez no território, contrastando com os *índios do mato*, de língua Maku, compreendidos por sua pouca sedentarização, forte presença de caça-coleta e diacríticos de ausência diversos. Desse modo, variando entre perspectivas de inspiração evolucionista, como as de Koch-Grümbert (2010), que entende esses grupos como “nômades”, ou como as orientações mais recentes, sob influência da ecologia cultural, de autores como Silverwood-Cope (1972) e Reid (1979), que compreenderão os povos Maku sob a abordagem do *indivíduo maximizador de ganhos*, do caçador-coletor *especialista*. O signo da *mobilidade* é constantemente elencado nas definições e redefinições das imagens desses povos e no entendimento das práticas socioculturais dessas populações.

Círculos de Coca e Fumaça, publicado na Coleção Mundo Indígena pela editora Hedra, se apresenta como um esforço do antropólogo Danilo

Paiva Ramos em desviar-se dessas caracterizações, sem abrir mão da temática da mobilidade. Ao contrário, aprofundando-a, a partir de uma sensibilidade vivenciada em seu fazer etnográfico, entre os anos de 2009 a 2012, que dão origem a uma tese de doutorado premiada como Tese Destaque USP 2015.

Autor de *Nervos da Terra* (2009), que aborda as performances narrativas sobre “histórias de assombração” de integrantes do Movimento dos Sem-Terra de Itapetininga, e sua relação com a perda da terra. Ramos (2009) propõe uma ruptura teórico-metodológica com as concepções sobre os povos Maku, que transitam entre a noção de uma *cultura nômade*, marcada pela falta e pela submissão, e pelo individualismo utilitário de povos entendidos como *especialistas* da floresta. É a partir de uma sistemática revisão bibliográfica, desenvolvida principalmente na introdução e primeiro capítulo do livro, que o autor constrói os fundamentos para sua abordagem da mobilidade Maku.

Com uma grande sensibilidade crítica, o autor refaz reflexivamente os passos de seus antecessores, buscando refletir metodologicamente sobre a imagem do antropólogo, os percursos e modos de relação travados pelos pesquisadores anteriores, a relativa insensibilidade para questões de gênero nesses autores e, especialmente, a marcante ausência de enfoque analítico nos aspectos míticos e rituais, bem como das próprias rodas de coca, fundamentais, segundo o autor, para o entendimento da mobilidade, que, aqui, passa a ser compreendida sob o signo da *viagem* (RAMOS, 2018, p. 81-83).

É a partir da discordância das imagens negativas como definidoras da identidade Maku, e do incômodo com as ausências sobre a coca e seus usos rituais na bibliografia especializada, que o autor propõe um fazer etnográfico entre o povo Hupd'äh, localizados na região do Alto Rio Negro (AM). A pesquisa se desenvolve especialmente na comunidade de /*Tat-Dëh*/ ou Taracuaá-Igarapé, às margens do rio Tiquié, tendo como principais motivações a constância das rodas de coca nessa comunidade, bem como o alto número de praticantes do xamanismo nela localizados (RAMOS, 2009, p. 24).

Há um constante cuidado político e linguístico com categorias e traduções utilizadas no decorrer do texto. Termos, nomes, mitos e

seres diversos são quase sempre apresentados com seus nomes Hup, seguidos de tradução, sendo disponibilizada, logo no início do livro, uma chave de leitura das palavras Hup (RAMOS, 2018, p. 11-12). A própria fluência do autor na língua indígena se revela, ao longo do texto, uma ferramenta não só metodológica como interpessoal fundante do tipo de relação e, conseqüentemente, do tipo de informação e conhecimentos acessados e produzidos nessa pesquisa. Ainda que seja compreendido como um “branco”, Ramos passa, pouco a pouco, a ser associado a imagem dos */ingledäh/*, categoria Hup que descreve o pesquisador Howard Reid (*/Häw/*) enquanto pessoa que “Ia caçar no mato, pescava, fazia tudo como os Hupd’äh” (RAMOS, 2018, p. 31). Termo nativo que nos desperta a tentação de traduzi-lo como *antropólogo*, um tipo peculiar de “branco”.

As descrições da trajetória e das relações interpessoais do autor com seu campo e seus interlocutores marcam toda a obra. Há um tom poético, entre o impressionismo e o surrealismo, responsável pelo despertar de certas sensibilidades e emoções no leitor, entre essas, encantamento e assombro com relações/percepções muito particulares a um mundo onde distintos *modos de ação e relação* vem a se *emaranhar*, produzindo, neste mesmo mundo, *condensações rituais* que permitem o transitar e o transforma-se entre diversas perspectivas, entre diversos “planos-casa” (Lolli, 2010). Habitando e explorando, assim, um mesmo mundo vivido, mutuamente compartilhado com agências e perspectivas diversas.

É com o objetivo maior de compreender o delineamento e produção dessas *condensações rituais* que Ramos desenvolve sua etnografia das *rodas de coca/encontros noturnos* e dos “caminhos de Hup” (RAMOS, 2018, p. 25). Esses últimos são caminhos na mata produzidos nas constantes *viagens* dessas pessoas, que refletem uma dimensão cosmológica do caminhar. Tal dimensão pode ser entendida como um deslocamento que articula distintos espaços em perspectiva; distintos tempos, onde *modos de ação* como pesca, caça, encantamentos de “cercar” e mitos se entrelaçam num processo que o autor vem a compreender – tendo Peter Gow como inspiração – como “*mitopoiesis*” (RAMOS, 2018, p. 179-180). É o que expressa Ramos, ao descrever sistematicamente

as rodas de coca, no terceiro capítulo de seu livro. “Mito, benzimento e preparo promovem condensações rituais que combinam relações entre diversas perspectivas” (RAMOS, 2018, p. 162).

Como dito, somadas às preocupações teórico-metodológicas do autor frente uma sistemática revisão das monografias produzidas sobre os povos Maku, e especialmente sobre os Hupd’äh, os contornos da pesquisa são traçados a partir de suas relações interpessoais com seus interlocutores. Especialmente com o velho Henrique, espécie de primeiro anfitrião do autor em campo, que o introduziu às rodas de coca Hup. É a partir desses contornos que o autor expressa, ainda em seu capítulo introdutório, os objetivos da pesquisa: tomar como referência

[...] os encontros noturnos como forma de interação social específica, articulada às viagens para delinear o modo como andanças e narrativas geram condensações rituais que entrelaçam rodas, caminhos e paisagens como campos de ação e percepção vividos mutuamente pelas pessoas Hup. (RAMOS, 2018, p. 35)

Para tal esforço, Ramos se mune de uma abordagem teórica “movediça”, como o próprio a classifica. Focando tanto nas rodas de coca em si mesma como em suas “linhas de fuga” – como as *viagens* – para chegar às articulações daquelas com o xamanismo, os mitos e benzimentos e outros distintos modos de ação que se emaranham num constante processo de “educação da atenção”, clara influência de Tim Ingold (2000) na obra. É como processos de “educação da atenção” que o autor vai abordar as próprias caminhadas/percursos pelos “caminhos de Hup”.

É também sob a proposta política de uma “antropologia livre da desumanização do sujeito” (RAMOS, 2018, p.35), enquanto portadores impessoais de certa *cultura*, que o autor vai buscar compreender as rodas de coca como *performances* a partir de uma abordagem processual, inspirada nos estudos de Victor Turner (1988), com o objetivo de acessar “modos de percepção e sensibilidades que são mobilizados pelos encontros [...]” (RAMOS, 2018, p. 35). Com essa estratégia teórico-metodológica, o autor desliza pela tangente de uma compreensão do ritual como um tipo ou classe de evento, ou como instituição. Do mesmo modo, passa a compreender o mito e o rito como modos de ação,

não somente enquanto textos. Isso o possibilita enfocar o caráter reflexivo das *performances* das rodas de coca, que rememoram e reatualizam, por meio da mobilização de distintos campos relacionais e modos de ação, os mitos, os benzimentos e encantamentos, educando a atenção para um mundo repleto de sentidos imanentes. Em suma, abordar o ritual como modo de ação permite ao autor não só aprofundar em seu caráter reflexivo, como delinear suas articulações com outros modos de ação distintos.

Somado às teorias da *performance*, Ramos traz uma abordagem metodológica *relacionalista*, apoiada em autores como Gow (2001) e Ingold (2000), agregadas a procedimentos estruturalistas (LÉVI-STRAUSS, 2002), principalmente para a compreensão dos processos de “transformações” e situações de constantes analogias entre distintos modos de ação, partindo da premissa de que a inteligibilidade é condição necessária para a apreensão sensível do mundo (RAMOS, 2018, p. 36).

A estrutura do livro se organiza em uma sessão introdutória e duas partes. Na introdução, são trazidos os movimentos iniciais do autor em sua pesquisa de campo, bem como as primeiras relações travadas com os Hupd’äh, além da influência e impacto dessas no desenvolvimento de seus contornos de pesquisa e no decorrer de todo processo de campo. Segue-se uma breve descrição dos principais instrumentos analíticos e posicionamentos político-metodológicos bem como uma sessão de revisão bibliográfica das pesquisas e monografias produzidas junto aos povos Maku. Essa sessão se encerra com uma reflexão sobre as *viagens* e crônicas, gênero textual que marca as descrições etnográficas.

É sob o signo da *viagem* que Ramos compreende toda a pesquisa e o próprio povo Hupd’äh – grandes viajantes – bem como é sob o tema das viagens que o autor organiza o próprio texto: um deslocamento não de ponto a ponto, mas uma viagem em seu fazer, enquanto processo. É com um relato de viagem, com cronologia própria, que se abre a obra com a *Viagem ao Tiquié*, e que remete o leitor a uma sensação de constante transformação entre o antropólogo viajante e os mitos sobre a viagem do povo Hup na *cobra-canoa*. Essas constantes analogias marcam as crônicas de viagem, entendidas como campo relacional, onde distintos modos de ação “entrelaçam a atenção, sensibilidade e interesses” (RAMOS, 2018, p. 40-43).

A primeira parte do livro, *Coca e Fumaça*, se volta diretamente para as rodas de coca e suas várias articulações com outros modos de ação. O primeiro capítulo traz uma nova retomada da bibliografia etnológica, buscando compreender a ausência das rodas de coca nas notas de campo de outros pesquisadores e nas monografias sobre os Maku e a relação dessa ausência com a abordagem desses povos pela lente da *mobilidade*. Aqui, seus antecessores antropólogos são também tratados como *Viajantes*, título desse capítulo.

Segue-se uma crônica de viagem para a *Serra Grande*, local da origem dos Hupd'äh e repleta de potenciais relações com agências e perspectivas distintas das Hup. Aqui o autor reforça as analogias entre seus passos, o caminhar, o pescar, a escolha do local de acampamento, e os mitos e benzimento nas rodas de coca. Mostrando uma continuidade emaranhada entre esses modos de ação, e todo um processo de “educação da atenção” no decorrer do caminho.

Os capítulos três e quatro tratam, especificamente, de descrições das rodas de coca e do uso do tabaco nas mesmas. Em *Círculos de Coca* são descritas as sequências gestuais, de postura e narrativas – sob a abordagem das teorias da *performance* – onde se distingue os “eventos narrados” dos “eventos narrativos”, todos tomados como modos de ação emaranhados para a produção de sensibilidades e percepções outras. Em *Círculos de Fumaça*, relacionam-se os mitos de origem relativos ao tabaco, seus usos nas rodas de coca, às concepções cosmológicas sobre gestação da vida e sobre o desenvolvimento das aptidões xamânicas por meio de um longo e sistemático processo de “educação da atenção”.

A segunda sessão, *Círculos e Caminhos*, focará as viagens trilhadas pelos “caminhos de hup”, bem como para a cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM). O capítulo final revela como essas viagens cada vez mais recorrentes aos centros urbanos vão sendo integradas nesses “emaranhados” de modos de ação e percepção, mediados pelas rodas de coca.

O capítulo *Caminhos Abertos*, primeiro dessa segunda sessão, retoma as crônicas de viagem à Serra Grande, focando agora, nos processos de “educação da atenção” e nos *percursos de observação* originados da relação entre jovens e mais velhos, no decorrer desses caminhos.

O capítulo *Lagos-de-leite* retoma e aprofunda as questões de concepção e nascimento, e suas articulações com a cura e os benzimentos realizados nos encontros noturnos.

O penúltimo capítulo, *Sopros na Noite*, vai buscar a articulação das rodas de coca com outras situações de processos ritualizados como o Dabucuri, as festas de caxiri e as danças com flautas. A totalidade desses capítulos revela a dimensão de “emaranhados” entre distintos modos de ação, e as constantes *condensações rituais*, originadas nesses emaranhamentos, que permitem não só a percepção como a ação efetiva num mundo compartilhado por *gente-sombra*, *gente-cobra*, bichos de pé em suas rodas de coca. Coca de bicho de pé, o */hãwäg/*, “sopro vital” da gente Hupd’äh, que pode vir a ser consumido por esse pequeno ser. Já os Hupd’äh, noite após noite, comem a carne e os ossos da *gente-cobra*, sua coca.

Ao fim do texto, a sensação de um caminho percorrido é marcante. Não um caminho do qual seja possível rememorar os pontos de parada e referência, mas um caminho percorrido em seu fluxo, onde modos de ação são constantemente transformados e postos em perspectiva, onde o pescar para uns se revela a caça doutros. Locais onde outrora habitavam os anciões Hupd’äh e hoje são aldeias e roças de onças, bem como zonas de pesca da *gente-sombra*. Basta apenas saber perceber, pois os sentidos estão no mundo.

Caminhar é preciso. Não só para desbravar um mundo de múltiplas perspectivas, de diversos planos-casa com suas próprias leis de percepção e de relação. Caminhar é preciso para (ré)constituir o mundo vivido pelos Hupd’äh, seus ancestrais míticos, as lagartas e onças. Viajando por tempos e espaços distintos, constitui-se um só mundo vivido e compartilhado, articulando distintos modos de ação. A mobilidade Hupd’äh é não mais entendida como consequência de uma ausência de agricultura e sedentarização, ou como um meio utilitário para maximização de ganhos. Mas como fundamento para viagens sociocosmológicas.

Referências

- GOW, Peter. **An Amazonian Myth and its History**. New York: Oxford University Press, 2001.
- INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment**. London: Routledge, 2000.
- KOCH-GRÜMBERG, T. [1906]. Die Maku. *In*: BECERRA, G. (org). **Viviendo en el bosque**. Medellín: Ed. Universidad Nacional de Colombia, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 2002.
- LOLLI, Pedro. **As redes de trocas rituais dos Yuhupdeh no igarapé Castanha, através dos benzimentos (mihdiid) e das flautas jurupari (Tí')**. 2010. 206f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- RAMOS, Danilo Paiva. **Nervos da terra: histórias de assombração e política entre os sem-terra de Itapetininga, SP**. São Paulo: Annablume, 2009.
- REID, Howard. **Some aspects of movement, growth and change among the Hupdu Maku Indians of Brazil**. 1979. 402f. Thesis (PhD in Social Anthropology) – Faculty of Archaeology and Anthropology, University of Cambridge, Cambridge, 1979.
- SILVERWOOD-COPE, P. **A contribution to the ethnography of the colombian Maku**. Dissertation, 1972. 326f. Thesis. (Ph.D. in Social Anthropology) – University of Cambridge, Cambridge, 1972.
- TURNER, Victor. **The anthropology of performance**. New York: PAJ Publications, 1988.

Recebido em 15/02/2019

Aceito em 13/06/2019

Gabriel Novais Cardoso

Bacharel em Ciências Sociais com área de concentração em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia. Mestrando em Antropologia pelo PPGA-UFBA. Integra um projeto de revitalização e retomada da língua indígena do povo Kiriri (com território localizado no município de Banzaê-BA). Foi bolsista-pesquisador no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA (MAE-UFBA), desenvolvendo atividades relacionadas ao levantamento, recondicionamento, análise e revitalização da Reserva Técnica do MAE.

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Bahia. Rua Augusto Viana, s/n., Canela, Salvador, BA. CEP: 40110-909.

E-mail: cardoso.gabriel6@gmail.com